

Memória rendeira | Ficha de Entrevista | 07

Nome: Isolina Machado de Oliveira e Juliana Machado da Silveira.

Local de nascimento: Armação do Pântano do Sul – Florianópolis-SC.

Ano: 1923 (Isolina) e 1929 (Juliana).

Idade na ocasião da primeira entrevista: 88 anos (Isolina) e 82 anos (Juliana).

Data das entrevistas: 16/12/2011 e 20/04/2017.

Local das entrevistas: Residência da entrevistada, na Armação do Pântano do Sul, Florianópolis-SC.

Equipe: Entrevista de 2011: Tati Costa (Entrevista e Som Direto); Alexandre de Medeiros (Entrevista); Daniel Choma (Entrevista e Câmera 1); Chico Rocha (Câmera 2); Aline Maciel (Câmera 3); Maurício Martins (Fotografia de bastidores). Entrevista de 2017: Tati Costa (Entrevista e Som Direto); Daniel Choma (Entrevista e Câmera).

Projetos de origem: Intergerações e Artes da memória. **Acervo:** Câmara Clara.

TEMA	Descrição
INFÂNCIA	Recita versos das festividades de sete de setembro em seu período de escola. Falam sobre as brincadeiras de pular corda feita com cipó, cantar ratoeiras, fazer bonecas com folhas de mamona e embireira.
ATIVIDADES LABORAIS	Trabalho ajudando na agricultura de subsistência, em eiras de café, engenhos de farinha de mandioca e de cana de açúcar. Tarefas domésticas. Às vezes acompanhavam o pai quando levava hortifrúti produzido na região sul da ilha e charque trazido do Rio Grande do Sul para comercializar na região do Saco dos Limões. Juliana trabalhou de auxiliar em comércio no Ribeirão da Ilha e, ao se casar, montou uma venda junto com o marido.
SABERES DA CULTURA MUSICAL	Recitam vários versos de ratoeiras. Relatam sobre a passagem de Ternos de Reis e brincadeiras de Boi de mamão. Também mencionam a cana verde.
FESTIVIDADES E EVENTOS DE SOCIABILIDADE	Bailes para dançar, tinham que ir acompanhadas. Também participavam de novenas de Santa Cruz e outras. Relatam sobre bandeira do Divino e também recitam versos entoados no peditório da bandeira. Festa de Nossa Senhora da Lapa e Divino Espírito Santo. Brincavam carnaval no Zé Pereira e também faziam o entrudo. Comentam sobre os bailes no Ribeirão da Ilha separados em bailes de pretos e bailes de brancos. Comentam assistirem a Farra do Boi.
PRÁTICAS DE ESPIRITUALIDADE	São católicas.
SABERES DA CULTURA ORAL E PRÁTICAS DE SAÚDE	Relatos sobre bruxas que embruxavam as crianças e isso era curado por benzedoiras, mas Juliana considera que não era bruxaria e sim doenças comuns infantis. Sobre lobisomem, dona Juliana relata que conhecia um homem no Ribeirão da Ilha, mas comentam que nunca acreditaram muito nisso. Também conheceram Tio Adão, curador que benzia no Ribeirão da Ilha.

CULTURA ALIMENTAR	Alimentação a base de peixes e ovos. Faziam bolo assado no fogão à lenha, envolto em folhas de bananeira. Onde viviam era uma chácara com várias frutas. Comiam laranja com farinha. Tainha escalada com pirão de feijão.
MEIOS DE TRANSPORTE E DESLOCAMENTO	Iam poucas vezes no ano ao centro da cidade. Acordavam com o cantar do galo e de madrugada se deslocavam a pé da Armação do Pântano do Sul para o centro, normalmente em grupo de várias pessoas.
FORMAÇÃO ESCOLAR	Sem registro.
RELAÇÕES COM MEIO AMBIENTE	As práticas de subsistência e cultura material.
CULTURA MATERIAL	A iluminação era feita com pombocas ou lamparinas e extraíam óleo da cabeça da tainha para acender, como alternativa ao querosene. Não havia água encanada, lavavam roupa em lavador de pedra, ferviam a roupa com folha de mamão e patchouli, para branquear e perfumar. Faziam artesanalmente sabão de anoga. Colocavam as roupas para quasar no sol. Carregavam com potes a água da cachoeira para uso em casa. Fogão à lenha, banho de gamela.
RENDA DE BILRO	
RELAÇÃO COM A RENDA DE BILRO	Isolina tem a prática de fazer renda no cotidiano, mas sem comercializar. Juliana não fazia renda desde a idade de 22 anos, quando começou a trabalhar no comércio e retoma a atividade na ocasião da entrevista.
APRENDIZADO DA RENDA DE BILRO (IDADE, COM QUEM APRENDEU)	Isolina aprendeu aos quatorze anos e Juliana aos sete anos. Aprenderam com as tias pois foram órfãs de mãe desde cedo.
PERÍODO DA VIDA EM QUE FEZ OU FAZ RENDA DE BILRO	Isolina faz até hoje, menciona que na juventude fazia renda na sala de casa, mas no verão, devido ao calor, estendia esteira na sombra das árvores externas para fazer renda. Juliana fez até os 22 anos. Ela fazia renda à noite, quando o marido saía para pesca noturna enquanto o aguardava retornar de madrugada.
ORIGEM, GUARDA, TROCAS E UTILIZAÇÃO DOS PIQUES E DESENHOS (SE UTILIZA TÉCNICA DE XEROX DA PEÇA OU PIQUES ORIGINAIS):	Utilizam piques desenhados em papelão. Comentam sobre vários desenhos utilizados com a técnica da Tramoia: peixe, galinha, árvore de natal e outros. Comentam também sobre a renda do café e renda da margarida, das quais não se encontra mais pique. Relatam a técnica para reproduzir o pique: colocando um papelão sob o pique original e perfurando-o, ou então com papel de seda sobre o original em papelão, reproduzindo o desenho. Mas consideram essa técnica do papel de seda um pouco mais complexa. Os piques originais são desenhados por uma senhora do Pântano do Sul, dona Catarina. Relatam empréstimos de piques entre as amigas.
ORIGEM E HISTÓRIAS DOS BILROS E DA ALMOFADA, COMO SÃO FEITOS NO PRESENTE E NO PASSADO:	Almofada preenchida com barba de velho, forração retirada das árvores. A almofada que Juliana utiliza durante a entrevista foi feita com um acolchoado velho.
UTILIZAÇÃO DOS MATERIAIS, LINHAS, ALFINETES, ETC.	Isolina enche o bilro com duas linhas juntas, para que a renda fique mais cheia. Sobre a renda da Tramoia, dona Isolina chama de renda da puxada, por causa da laçada que é feita.
VALOR E FORMAS DE COMERCIALIZAÇÃO	Comercializavam a renda para senhoras que compravam para revender.

<p>QUALIDADES DO SABER FAZER</p>	<p>Consideram que a renda bem feita tem que ser bem torcida. Não pode ser distorcida, com diferença entre as distâncias onde pregam com alfinetes. Se é bem feita, fica bem durinha, como se estivesse engomada.</p>
<p>USOS NO PASSADO E NO PRESENTE E MOTIVAÇÕES PARA FAZER RENDA DE BILRO NO PASSADO E NA ATUALIDADE</p>	<p>Na infância e juventude faziam renda para vender e poder comprar roupas. Isolina observa uma mudança na técnica, pois no passado costumavam fazer renda com muitos bilros, cerca de sessenta bilros, constituídas pelos pontos de perna cheia, trança, meio ponto. É mais recente a renda Tramoia (chamada por ela de renda da puxada), feita somente com sete pares de bilros. Além de levar bem menos bilros, ela considera uma renda mais fácil, que se faz com mais rapidez.</p>
<p>EXPERIÊNCIAS E CIRCUITOS CULTURAIS COMO RENDEIRAS</p>	<p>Relatam a importância de fazer renda como atividade manual no presente e saudável por se manterem em atividade.</p>
<p>TRANSMISSÃO GERACIONAL E EXPECTATIVA FUTURA:</p>	<p>Isolina ensinou para as filhas.</p>

FICHA DE ENTREVISTA COM ISOLINA MACHADO OLIVEIRA E JULIANA MACHADO DA SILVEIRA

Acervo: Projeto Memória Rendeira | Fonte: http://www.camaraclara.org.br/memoriarendeira/isolina_e_juliana

MEMÓRIA RENDEIRA

Projeto selecionado pelo Prêmio Elisabete Anderle de Apoio à Cultura - Patrimônio e paisagem cultural - Edição 2020, executado com recursos do Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura.

Projeto:



Apoio:



Realização:

